
Por outras palabras e digamos: marcadores de reformulación?

Ana Cristina Macário Lopes

Conceição Carapinha

CELGA-ILTEC / Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra

Data de recepción: 06/02/2017 | Data de aceptación: 03/04/2017

Resumo:

Este estudo propõe-se dar continuidade ao estudo dos marcadores de reformulação em PEC (Lopes 2014). Assim, descreve-se o funcionamento sintático e semântico-pragmático dos marcadores discursivos *por outras palabras* e *digamos*, a partir de dados empíricos recolhidos no CETEMPúblico e no subcorpus oral espontâneo do CRPC, e conclui-se que, embora ambos possam ser incluídos no paradigma dos reformuladores, *digamos* não é de todo um exemplar prototípico, dada a sua produtividade sobretudo como sinalizador de hesitação na formulação do discurso e marcador de atenuação discursiva.

Palavras chave:

Marcador discursivo; relações discursivas; reformulação; gramaticalização.

Sumario:

Introdução. 1. Enquadramento teórico. 2. Análise e discussão dos dados. 2.1. Aspectos sintáticos. 2.2. Aspectos semântico-pragmáticos. 2.2.1. Reformulação parafrástica. 2.2.2. Síntese. 3. Conclusões.

Por outras palabras (in other words) and digamos (so to speak): reformulation markers?

Abstract:

With this study, we aim to continue the study of the reformulative markers in European contemporary Portuguese (Lopes 2014). Two new discourse markers, por outras palabras and digamos, are syntactically, semantically and pragmatically described in this paper. The empirical data were collected from CETEMPúblico and the oral subcorpus of CRPC. Even though both discourse markers can be included in the paradigm of the reformulative ones, the study proves that digamos is not a prototypical member, given its productivity as a filler and a mitigation operator.

Key words:

Discourse marker; discourse relations; reformulation; grammaticalization.

Contents:

Introduction. 1. Theoretical framework. 2. Data analysis and discussion. 2.1. Syntactic properties. 2.2. Semantic and pragmatic properties. 2.2.1. Paraphrastic reformulation. 2.2.2. Summary. 3. Conclusions.

Introdução

Tanto quanto é do nosso conhecimento, não há nenhum estudo descritivo sobre os marcadores discursivos ‘por outras palavras’ e ‘digamos’, no PEC. Assim, este estudo visa preencher uma lacuna existente e completar investigação já disponível na área da reformulação em português. Inscrevendo-se numa linha de continuidade com Lopes (2014), este trabalho propõe-se testar as seguintes hipóteses:

- (i) *por outras palavras* e *digamos* integram o paradigma dos marcadores discursivos de reformulação do PEC, a que pertencem também *quer dizer*; *ou seja* e *isto é*; nesse sentido, partilham o mesmo “core meaning”, formulável nos seguintes termos: interprete o que se segue como uma melhor formulação do que acabou de ser dito; funcionam como um constituinte prosódico autónomo; são operadores de dois lugares, articulando um segmento/enunciado fonte e um segmento/enunciado reformulado;
- (ii) os marcadores discursivos *por outras palavras* e *digamos* são expressões totalmente gramaticalizadas no PEC;
- (iii) *por outras palavras*, ao contrário de *digamos*, é um MD mais utilizado em texto escrito e registo formal.

Os dados empíricos foram recolhidos no CETEMPúblico (tendo sido aleatoriamente extraídas 50 ocorrências para cada marcador) e no *subcorpus* oral espontâneo do CRPC,¹ que foi percorrido exaustivamente.²

A estrutura do trabalho é a seguinte: na secção 1, delinea-se o quadro teórico em que se inscreve a pesquisa; na secção 2, explicita-se a metodologia e procede-se a uma análise dos dados empíricos que, embora centrada nos valores semântico-pragmáticos, não descarta o comportamento sintático do conector; na secção 3, elencam-se as principais conclusões do estudo.

1 Este *corpus* encontra-se disponível em: <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-reference-corpus-of-contemporary-portuguese-crpc>.

2 Há também um exemplo que foi extraído do *Corpus do Português: Web / Dialetos*. Este *corpus*, que contém um bilião de palavras e foi criado em 2015-2016, a partir de dados disponíveis em páginas da *web* de quatro países de língua portuguesa (Angola, Brasil, Moçambique e Portugal), está disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>.

1. Enquadramento teórico

Num texto ou discurso, os diferentes enunciados que o compõem articulam-se segundo determinadas relações de coerência (também designadas de relações discursivas ou retóricas). São múltiplas as pesquisas desenvolvidas nesta área nas últimas décadas, levadas a cabo por investigadores provenientes de distintas áreas (linguística descritiva, cognitiva, formal ou computacional). Embora não haja convergência terminológica e conceptual, nomeadamente quanto ao número de relações efetivamente mobilizadas na construção de um texto, há, no entanto, um denominador comum: os investigadores assumem unanimemente que os textos são entidades estruturadas, que exibem coerência, e as relações discursivas contribuem decisivamente para essa coerência. São elas que em larga medida permitem distinguir um texto de um conglomerado aleatório de enunciados.

A parametrização destas relações tem sido predominantemente feita tendo em conta os domínios da significação em que operam. Assim, há relações discursivas que envolvem o domínio ideacional da significação e as que envolvem o domínio interpessoal ou pragmático da significação (Halliday, 1973). As primeiras são relações que interligam situações linguisticamente representadas e interpretadas como algo que ocorre num mundo (no mundo real ou num mundo possível). O domínio ideacional da significação é por outros autores designado domínio do conteúdo (Sweetser 1990) ou ‘subject domain’ (Mann & Thompson, 1988; Taboada & Mann, 2006). As segundas são aquelas que envolvem uma articulação entre atos de fala ou atos discursivos (van Dijk, 1977). Concretizando: uma relação discursiva pode articular coerentemente representações de situações do mundo, como acontece com a relação de causa/consequência, mas pode também articular coerentemente dois atos de fala, como acontece com a relação de justificação/explicação, que ocorre tipicamente numa sequência argumentativa, conectando duas asserções funcionalmente distintas, a conclusão/tese que o falante se propõe defender e o argumento que invoca para a apoiar.

As relações discursivas podem ser inferidas no processo interpretativo, mas podem também ser sinalizadas por conectores ou marcadores discursivos (doravante, MDs). Neste artigo, como já foi dito, assume-se a hipótese de que os conectores sob análise, *por outras palavras* e *digamos*, sinalizam a relação discursiva de reformulação (‘Restatement’, na terminologia da RST)³. Trata-se de uma relação discursiva que opera no plano pragmático, interligando tipicamente dois atos de fala

3 Cf. <http://www.sfu.ca/rst/>. Note-se a semelhança formal e funcional com MDs reformuladores de outras línguas: *in other words*, *en d’autres mots*, *en otras palabras*, *en altres paraules*, *disons*, *diciamo*. Este último MD existe também em espanhol – *digamos (que)* – e em russo – *skažem* – mas com funções distintas.

assertivos, sendo o segundo interpretado (retroativamente) como uma reformulação do primeiro. Há, pois, uma forte componente metadiscursiva nesta relação.

Quando um falante reelabora o seu discurso, reformulando-o, fá-lo movido pela intenção de tornar o seu enunciado mais inteligível, reduzindo eventuais riscos de incompreensão por parte do interlocutor.⁴ Neste sentido, a reformulação visa reparar problemas de formulação e pretende garantir a intercompreensão, numa perspetiva iterativa. Esta definição focaliza casos de auto-reformulação, mas pode haver casos de hetero-reformulação, sempre que o ouvinte reelabora uma intervenção prévia, com o propósito cooperativo de testar a efetiva compreensão do enunciado que lhe foi dirigido.

Distinguem-se tradicionalmente dois subtipos de reformulação (Gülich & Kotschi, 1983; Roulet, 1987; Rossari 1994; Fløttum, 1994; Bach, 1996, entre outros): a reformulação parafrástica, baseada na sinalização de uma relação de equivalência entre dois enunciados, e a reformulação não parafrástica, que implica uma distância, um afastamento do locutor face ao enunciado inicial e acarreta, muitas vezes, uma alteração de perspetiva enunciativa ou uma reinterpretação do dito. Note-se que a reformulação parafrástica, entendida de forma estrita como envolvendo uma relação de exata ou total equivalência semântica entre segmentos discursivos, é rara.⁵ A reformulação não parafrástica pode recobrir diferentes subtipos. Fonseca (1992: 308) refere casos de condensação e recapitulação, casos de expansão e, finalmente, casos de invalidação do dito, objetivados em movimentos discursivos de correção ou retificação.

Neste artigo, considera-se, tal como em Lopes (2014), que a reformulação pode ser perspetivada escalarmente: num dos polos, teremos a marcação de uma relação de equivalência; no polo oposto, a marcação de uma relação de correção ou retificação. O primeiro caso é tipicamente sinalizado, em português, pelos MDs *ou seja, isto é, quer dizer*; o segundo caso é paradigmaticamente sinalizado por *ou antes, ou melhor, aliás*. Na zona intermédia da escala, encontram-se subtipos híbridos, em que o enunciado reformulado envolve expansão ou especificação, ambas com valor explicativo ou intuito clarificador.

4 Como pertinentemente afirma Fonseca (1992: 307-308), “são certamente múltiplos os factores que intervêm na reformulação. Entre eles, conta-se em particular a tomada de consciência por parte do Locutor da não-adequação do seu discurso às intenções designativas do universo de referência a activar, às condições do bom, eficaz e apropriado processamento da comunicação-interacção. Mas actua aqui também a percepção por parte do Locutor das dificuldades no domínio da recepção-interpretação (...) que adivinha por parte do Alocutário (...)”.

5 É neste sentido que podemos entender a afirmação de Cuenca (2003:1072), segundo a qual “Reformulation is more than a strict paraphrase. It can imply discourse values such as explanation, specification, generalization, implication, gloss or summary.”

2. Análise e discussão dos dados

Por outras palabras é uma expressão que, no PEC, pode ser utilizada (i) com o seu significado composicional, desempenhando uma função sintática e semântica no âmbito da proposição em que ocorre, (ii) como MD. De facto, encontram-se no *corpus* ocorrências em que a expressão opera ao nível do conteúdo proposicional do enunciado, contribuindo para as suas condições de verdade e funcionando como um adjunto de modo. Vejam-se os exemplos (1) e (2):

- (1) *ext71740-clt-95a-2*: Schonberg e Alban Berg – dois dos maiores compositores do século XX – disseram o mesmo, **por outras palabras**.
- (2) *ext102414-pol-96a-2*: Dini disse o mesmo **por outras palabras** e ambos apelaram aos seus parceiros asiáticos para uma estreita cooperação (...)

Comutável por *com outras palabras*, ou ainda *de outro modo*, *de forma diferente*, o adjunto faz parte integrante da predicação. Podemos, naturalmente, acrescentar que a expressão, com o seu significado composicional, tende a ocorrer no discurso com um certo grau de fixidez, o que a aproxima das combinatórias preferenciais (cf. Nascimento, 2013).

Mas a mesma expressão pode também funcionar como MD no PEC, o que aponta para um processo de gramaticalização. Note-se que as ocorrências mais frequentes no nosso *corpus* são justamente aquelas em que *por outras palabras* funciona como MD. Neste processo de gramaticalização, a expressão foi recategorizada, passando a operar ao nível da organização discursiva, como uma expressão fixa, cristalizada, que não admite qualquer alteração formal. Quer isto dizer que a expressão *com outras palabras*, por exemplo, não ocorre em variação livre com o MD *por outras palabras*, nem tão pouco é possível intercalar outros elementos lexicais no interior da sequência (*#por outras novas palabras#*). Do ponto de vista semântico, o MD não integra o conteúdo proposicional do enunciado que tipicamente introduz, antes assume um valor funcional. De facto, o MD em apreço opera ao nível da estruturação (meta)textual/discursiva, dando instruções ao ouvinte/leitor sobre como processar de forma coerente os dois segmentos por ele articulados. Daí dizer-se que o seu significado é procedimental, formulável nos seguintes termos: "interprete o que se segue como uma melhor formulação do que acabou de ser dito."

Note-se que, apesar de evidenciar um processo de gramaticalização, o marcador deriva de fontes lexicais que estão associadas de forma bastante transparente à função pragmática codificada.

Nas secções seguintes, analisar-se-ão apenas dados em que *por outras palabras* funciona como MD.

Também a expressão *digamos* pode ocorrer (i) como item puramente lexical, mantendo o seu estatuto de verbo pleno, contribuindo para o conteúdo proposicional do enunciado em que se encontra; (ii) como MD.

Apesar de muito menos frequentes, é possível detetar, no *corpus*, alguns exemplos em que *digamos* assume o papel de predicador verbal, como se vê no exemplo seguinte:

- (3) *ext92422-pol-96b-1*: É necessário que daqui **digamos** ao país que o PS honra os seus compromissos e o seu contrato de legislatura.

Como predicador verbal, a expressão apresenta todas as características morfosintáticas dessa categoria, nomeadamente propriedades flexionais e a possibilidade de, enquanto verbo transitivo direto e indireto, seleccionar um argumento externo e dois argumentos internos.

Analisemos, agora, o seu valor de MD. Uma vez mais, o facto de a mesma forma poder desempenhar também esta função, significa que *digamos* não constitui, ainda, uma expressão completamente gramaticalizada no PEC. No mesmo sentido, os dicionários consultados não apresentam esta entrada, o que permite concluir que a forma ainda não é completamente reconhecida como MD.

2.1. Aspetos sintáticos

O MD *por outras palavras* pode ocorrer, de acordo com os dados analisados, (i) no interior de um enunciado, conectando sintagmas, i.e., constituintes subproposicionais, (ii) no início de um segundo enunciado, articulando-o com o enunciado prévio, (iii) em posição pós-verbal, intercalado no segundo enunciado, e (iv) no final do segundo enunciado. Atente-se nos exemplos, que ilustram as posições mencionadas:

- (4) *ext12754-pol-93a-2* Mas aliar isso à exigência de democratização, **por outras palavras**, ao suicídio do Partido, à maneira gorbatchoviana, não só é ingerência como pode levar ao caos (...)
- (5) *ext15402-pol-95a-2* A Síria exige simetria: **por outras palavras**, por cada quilómetro quadrado de zona desmilitarizada ou zona restrita de forças no lado sírio da fronteira haverá uma zona igual do lado israelita.
- (6) *ext184770-pol-95a-1A* «continuidade nas mudanças profundas», uma «maior justiça dentro do Estado para os cidadãos», a «força da França na Europa e no mundo» e a «luta contra o desemprego» – eixos prioritários do programa balladuriano – são, **por outras palavras**, os objectivos eleitorais de Chirac.

- (7) *ext136803-eco-92b*- Por outro lado, uma fonte da Comissão contactada pelo Público considera que as pretensões do Governo sobre o alargamento da reforma «revelam uma grande leviandade» – seriam impraticáveis, **por outras palavras**.

Importa assinalar a assistemática da pontuação encontrada no *corpus* entre os dois segmentos que o MD articula, quando se trata de dois enunciados: dois pontos, ponto final, ponto e vírgula, travessão. Apesar de assistemática, a pontuação partilha uma característica comum, dado que se trata de pontuação forte, que sinaliza uma quebra entoacional; depois do MD, aparece tipicamente uma vírgula. Combinando os dois sinais de pontuação, parece possível concluir que o MD funciona como constituinte prosódico autónomo, com entoação parentética.

Os dados do *corpus* mostram ainda que o MD *por outras palavras* aparece com alguma frequência antecedido pela conjunção disjuntiva *ou*, e ainda pelo MD *ou seja*, conectando dois enunciados. A conjunção *ou* articulada com o MD *por outras palavras* marca claramente que o que se segue corresponde a uma formulação alternativa; a coocorrência com *ou seja*, sendo redundante, apenas reforça/enfatiza a sinalização da relação de reformulação. Estes casos de coocorrência parecem apontar para um processo de gramaticalização não totalmente concluído.

Segundo os dados recolhidos no *corpus*, também o MD *digamos* pode ocupar posições sintáticas muito variáveis. Pode ocorrer (i) no interior da estrutura sintagmática, aparecendo entre os núcleos e os elementos que os acompanham (8); (ii) no interior da estrutura frásica, articulando sintagmas (9); (iii) após conector, no domínio da frase complexa (10); (iv) no final do enunciado (11); (v) no plano textual, pois pode ser usado para conectar enunciados sintaticamente autónomos e originar textos (12).

Atentemos nos exemplos que ilustram estes contextos de ocorrência:

- (8) *par=ext26733-soc-94b-1*: Cerca de 2550 madrilinhos, eufóricos com a vitória contra a Suíça, desceram sábado à noite ao Paseo de la Castellana e cometeram a, **digamos**, travessura.
- (9) *par=ext45640-pol-97a-1*: João Maia – Esse era o dinheiro que nós íamos receber da cota federal, **digamos**, do negócio.
- (10) *par=ext91408-nd-95a-1*: Ao espectador, oferece o espectáculo de ambas as coisas, de modo a que este se possa sentir melhor do que os que procuram – porque, **digamos**, se não vai lá, é porque já está servido – e partilhe do gozo dos que celebram, mesmo que não esteja tão bem servido assim.

(11) *par=ext97358-clt-93a-2*: Um profeta, um homem das dores, um visionário, **digamos**.

(12) Que o homem é um poeta, não tenho dúvidas. Nem da qualidade da escrita. **Digamos** que não me chocaria nada se ele ganhasse. Mas, muito sinceramente, não tenho uma opinião muito formada sobre o caso. O mesmo se passaria relativamente ao Leonard Cohen.⁶

O grau de liberdade sintática (cada vez maior) que lhe permite ocupar posições muito diferentes na frase e em quase qualquer posição é um indicador claro do seu processo de gramaticalização.⁷

Se considerarmos agora a pontuação associada ao uso da partícula, é pertinente salientar a ocorrência de ‘digamos’ entre vírgulas (cf. exs. anteriores), assinalando o seu estatuto de inciso, certamente articulado com uma entoação específica, embora também possa ocorrer entre travessões e até entre parênteses; em qualquer dos casos, parece ser um constituinte prosódico autónomo. Há, todavia, alguns contextos sintáticos específicos que necessitam de uma outra justificação. O *corpus* em análise apresenta vários exemplos de duas estruturas distintas mas recorrentes: *digamos assim* e *digamos que*. No primeiro caso, a sequência de dois marcadores, com valor quase sempre mitigador, surge após o constituinte a atenuar, apresentando-se habitualmente a variante *digamos* na posição pré constituinte. A sequência *digamos que* prefacia sempre o constituinte por ela afetado, seja ele uma oração, o mais frequente, ou um sintagma adjetival. No primeiro caso, a pontuação que antecede o MD é forte (travessões; dois pontos; ponto final), o que significa que o constituinte seguinte tem, de facto, alguma autonomia sintática [cf. exemplo (12)]⁸; no segundo, o sintagma precedido pelo MD surge como um segmento intercalado e, nestes casos, parece ser substituível por *digamos*.

2.2. Aspetos semântico-pragmáticos

As ocorrências do MD *por outras palavras*, no *corpus*, demonstram que se trata tipicamente de um reformulador. Começaremos por ilustrar contextos de (auto)

6 Exemplo extraído do *Corpus do Português: Web / Dialectos* (cf. nota 2).

7 Essa mobilidade - que permite que um constituinte, e neste caso um SV, “moves out of the grammatical centre of the sentence into its periphery” (Auer, 1996: 313) - constitui precisamente um sinal desse processo em curso. Sobre estes processos de gramaticalização que envolvem constituintes muito dependentes da sintaxe da frase, como a categoria verbal, por exemplo, cf. Koops & Lohmann (2015: 232-259).

8 Note-se que, no *corpus*, a ocorrência da variante *digamos que* a anteceder uma oração é muito frequente.

reformulação parafrástica (2.2.1); de seguida, ilustrar-se-ão contextos em que o marcador sinaliza uma relação discursiva não contemplada nas hipóteses, a relação de síntese (2.2.2.).

2.2.1. Reformulação parafrástica

Atente-se nos seguintes exemplos:

- (13) *ext96193-nd-91a-1* Mas revela que o ataque ao mal na origem tem ficado aquém do que seria desejável – **por outras palavras**, a prevenção não tem sido suficiente .
- (14) *ext29770-eco-96a-1* As estimativas da Boeing consideram que o financiamento da compra de novos aviões será feito «negócio a negócio», **por outras palavras**, analisado caso a caso (...)

Nestes exemplos, a equivalência semântica entre o enunciado-fonte e o enunciado que consubstancia a reformulação é muito clara. Vejam-se agora os exemplos (15) e (16), em que não há estrita equivalência, mas uma clarificação do dito, através de especificação e explicação:

- (15) *ext152359-pol-94b-1* São as heranças do PREC que os comunistas não conseguem digerir nem ultrapassar numa luta política «normal» (**por outras palavras**, numa luta onde o Parlamento assumisse uma relevância superior às acções de rua).
- (16) *ext214120-clt-94b-2* (...) Deng foi mesmo o catalisador do segundo arranque liberalizador na economia, quando, em Dezembro de 1992, incentivou todos os chineses a «saltarem para água», **por outras palavras**, a experimentarem as «salsas ondas» da iniciativa privada.

Em (15), o produtor do texto, ao convocar o MD *por outras palavras*, sinaliza ao leitor que vai abrir um movimento de reformulação, mas, comparando os conteúdos dos dois enunciados, verifica-se uma maior especificação no segundo, que explica com mais precisão o que previamente foi dito. Em (16), há também especificação explicativa. Este tipo de ocorrências é quantitativamente dominante no *corpus*, sobrepondo-se, portanto, aos casos em que o segmento reformulado mantém com o primeiro uma estrita relação de equivalência.⁹

9 Numa breve incursão pelo subcorpus escrito do CRPC, encontrou-se um exemplo em que o MD em apreço articula não duas asserções, mas duas perguntas: (i) O contribuinte deve ficar vinculado pela decisão da autoridade competente? **Por outras palavras**, deve renunciar a outros meios de recurso, como sejam, por exemplo, os procedimentos judiciais ou administrativos a nível nacional?

2.2.2. Síntese

Nesta subsecção, focalizar-se-ão ocorrências de *por outras palabras* em que o MD introduz uma condensação ou síntese do que foi previamente dito. Vejam-se os exemplos:

- (17) *ext184770-pol-95a-1* A «continuidade nas mudanças profundas», uma «maior justiça dentro do Estado para os cidadãos», a «força da França na Europa e no mundo» e a «luta contra o desemprego» - eixos prioritários do programa balladuriano - são, **por outras palabras**, os objectivos eleitorais de Chirac .
- (18) *ext136803-eco-92b-1* Por outro lado, uma fonte da Comissão contactada pelo Público considera que as pretensões do Governo sobre o alargamento da reforma «revelam uma grande leviandade» – seriam impraticáveis, **por outras palabras** .

Em ambos os exemplos, o MD seria substituível por *em suma*. Embora em Fonseca (1992), a síntese/condensação seja considerada um subtipo de reformulação, parece-nos, na esteira da proposta tipológica de relações discursivas avançada pela Rhetorical Structure Theory¹⁰, que a condensação recapituladora envolve uma outra relação discursiva, a relação de Síntese ('Summary'). E isto porque o significado procedimental dos MD que sinalizam esta última relação é distinto do significado procedimental dos MD reformuladores. Com efeito, o significado dos MD de síntese é formulável nos seguintes termos: "interprete o que se segue como uma formulação condensada do que foi dito previamente". Assim, diremos que os MD reformuladores estão ao serviço da intercompreensão entre os interlocutores, operando ao nível microestrutural, ao passo que os MD de síntese operam ao nível da macro-organização textual, encerrando tipicamente um tópico discursivo.

Analisámos até aqui ocorrências do MD *por outras palabras* num corpus escrito. Olhando agora para os resultados da pesquisa no subcorpus oral espontâneo do CRPC, não foi atestada nenhuma ocorrência do MD em causa. Consequentemente, podemos concluir, sem reservas, que *por outras palabras* não é um marcador de reformulação usado na oralidade espontânea informal, no PEC.

As ocorrências de *digamos* encontradas no *corpus* atestam, em primeiro lugar, a polifuncionalidade do MD e, em segundo lugar, comprovam que o seu valor de reformulador parece, pelo menos no *corpus* analisado, ser residual.

10 Cf. <http://www.sfu.ca/rst/>.

Tendo em conta os valores percentuais encontrados, podemos afirmar que, no PEC, *digamos* pode ser usado como (i) marcador de formulação (*filler*), isto é, como sinalizador de discurso em construção; (ii) atenuador; (iii) marcador de exemplificação (iv) aproximativo; (v) retificador.

Começaremos precisamente por ilustrar o contexto (i), em que *digamos* funciona como um marcador de hesitação que preenche uma pausa durante a qual o locutor procura a palavra ou a formulação mais adequada. Nestes casos, *digamos* seria substituível por ‘como dizer isto?’. Observem-se os exemplos seguintes:

- (19) *par=ext157377-clt-96a-1*: R. – A «arte povera» cruza-se com os meus interesses; na atenção, **digamos** franciscana, que dá aos materiais e objectos.

Muitas vezes, parece não estar em causa apenas a dificuldade de planear o discurso, mas também a marcação ostensiva de uma certa distância psicológica (Andersen, 2000: 20) relativamente à expressão que vai ser usada, sugerindo que é apenas uma expressão – discutível – entre outras possíveis, e que há outras formas de categorizar a realidade.

Atente-se agora nos exemplos seguintes, que ilustram o valor atenuador de *digamos*:

- (20) *par=ext258812-des-94a-3*: «Alguns não são suficientemente homens, **digamos**, e aproveitam-se dos miúdos.
- (21) *par=ext15016-clt-93b-2*: É capaz de não se vender muito, considerando que os Silêncio para 4 são uns desconhecidos, a música que fazem é, **digamos**, demasiado conservadora e as letras um pouco herméticas.

Em ambos os exemplos, é visível que o receio de expressar um juízo negativo ou um argumento rigoroso ou objetivo que ameace qualquer uma das faces do outro ou que atente contra a sua própria face positiva pode levar o locutor a atenuar as suas afirmações através do recurso a uma estratégia de mitigação. Através do uso do MD, o locutor recorre a um mecanismo de autoproteção e de prevenção (Briz & Albelda, 2013), expressando a intenção de atenuar a força das suas asserções.

Como já referimos (cf. 2.1.), a expressão ‘*digamos*’ com valor de atenuador pode aparecer em posição pré ou pós constituinte a mitigar, embora, pela análise dos exemplos, se possa concluir que, quando ocorre após o constituinte, surge na variante ‘*digamos* assim’.

Vejam-se agora os seguintes exemplos:

- (22) *ext207-clt-97b-2* Passo 3: pense num número inteiro, **digamos** 7.
- (23) *ext42965-pol-95a-2*) Toda a Europa agora a quinze será assim confrontada com a sobrevivência da sinalefa que os castelhanos usam sobre o «n» para obter o som nh e com que os portugueses coroam os «o» e os «a» para obterem sons únicos como os de, **digamos**, «João».

Em todos os casos, *digamos* tem um valor especificativo e é comutável por ‘por exemplo’. A informação que surge após o MD constitui a instanciação de uma variável, a partir de uma classe de possibilidades.

De seguida, detenhamo-nos na leitura aproximativa desencadeada por *digamos* nos seguintes contextos:

- (24) *ext12521-clt-97a-1*: Caso contrário, as 43 unidades classificadas como excelentes seriam candidatas a um financiamento da ordem de, **digamos**, 2 a 3 vezes o valor da classe abaixo, os muito bons.
- (25) *ext154479-clt-soc-94b-1*: «É importante recolher informação em locais que já estejam habitados há muito tempo e que, por conseguinte, tenham registos do que aconteceu nos últimos, **digamos**, 500 anos», explica Garvin.

Como facilmente se verifica, nestes contextos, o MD surge acompanhado por estruturas de quantificação /expressão numérica; no entanto, apesar de se tratar de uma expressão precisa, o MD anterior relativiza o seu valor denotacional, dando instruções ao ouvinte/leitor para que interprete esta informação como correspondendo a um valor numérico inexato, sendo substituível por ‘aproximadamente’. Ao usar *digamos*, o falante assume a sua incerteza relativamente ao rigor da informação prestada, expressando uma modalidade epistémica.

Finalmente, pesquisando ainda no *corpus* do CETEMPublico, foi possível encontrar algumas ocorrências, embora escassas, de *digamos* com valor de reformulador de retificação. Observem-se os exemplos seguintes:

- (26) *par=ext41789-clt-91b-1*: Jesus está ali para servir o poder de Deus e para ser o instrumento, **digamos** a vítima sacrificial, do alargamento do poder de Deus a outras gentes e a outras terras.
- (27) *par=ext247465-clt-95a-2*: Mas vamos tentar, este ano, editar o que seja um livro essencial, **digamos** maior, por mês, e um outro pequeno complementando-o.

Nestes exemplos, o marcador poderia ser substituído por ‘ou melhor’ ou por ‘ou antes’, sinalizando precisamente a operação metadiscursiva que lhe vai permitir reelaborar o discurso anterior e retificá-lo.

Assinale-se ainda que este tipo de reformulação pode envolver um distanciamento por parte do locutor relativamente àquilo que acabou de dizer, distanciamento esse que se materializa na formulação de uma outra perspectiva enunciativa dos mesmos factos, como se torna evidente pela análise de (26); neste exemplo, o GN anterior ao MD (*o instrumento*) apresenta um cariz neutral, enquanto o segundo (*a vítima sacrificial*) envolve uma avaliação subjetiva.

3. Conclusões

Tendo em conta as hipóteses formuladas à partida, podemos agora proceder à sua (in)validação, concluída a análise dos dados empíricos dos *corpora* analisados.

Quanto à primeira hipótese levantada, ela é validada pelo estudo. De facto, *por outras palavras* integra o paradigma dos marcadores discursivos de reformulação do PEC a que pertencem *quer dizer*, *ou seja* e *isto é*, partilhando o mesmo significado procedimental, o mesmo contorno prosódico e o mesmo funcionamento sintático-semântico. O segmento fonte e o segmento reformulado podem ser sintagmas ou predicções completas. No que diz respeito a ‘digamos’, o MD integra também o paradigma dos marcadores de reformulação, embora não seja um membro prototípico, dado que esse não é o seu uso mais frequente; por outro lado, e uma vez que ele tem apenas o valor de reformulador retificativo, estaria mais próximo do polo de correção/retificação, ao contrário de *por outras palavras*, que é apenas marcador de reformulação parafrástica.

Quanto à segunda hipótese, a análise dos dados aponta para um processo de gramaticalização em curso. Com efeito, o sintagma preposicional resultante de uma combinatória livre de palavras, no interior da predicção, com uma função sintática de modificador de predicado (nomeadamente de um predicado lexicalmente vinculado com o ato de dizer) e uma função semântica de modo, cristalizou-se, passando a formar uma unidade multilexical, que não admite qualquer tipo de alteração formal. Recategorizada como conector ou MD, a expressão passou a desempenhar funções ao nível da construção textual, sendo utilizada pelo falante no âmbito da busca de uma maximização da intercompreensão. No entanto, o facto de poder coocorrer com outros reformuladores, nomeadamente com *ou seja*, indicia um processo não totalmente concluído de gramaticalização. Uma conclusão similar se pode retirar de *digamos* cujo processo de gramaticalização está também em curso. De igual modo, esta expressão desempenha, na atual sincronia do português europeu, duas funções distintas: a de verbo pleno, com todas as características inerentes a essa classe sintática, nomeadamente propriedades flexionais (em T/M e P/N); possibilidade de originar produtos derivacionais; possibilidade de seleccionar

argumentos; possibilidade de ser suxeito a operacións de negación, de interrogación e de passivação; e a de marcador, función que resulta da súa recategorización e que lle permite desempeñar funcións de natureza metatextual (como reformulador) ou interativa (como marcador de formulación), por exemplo.

A terceira hipótese foi validada polo noso estudo. *Por outras palabras* é un MD tipicamente utilizado en texto escrito e no registo formal. A inexistencia de una única ocorrencia no *subcorpus* oral informal é elucidativa. Relativamente a *digamos*, a pesquisa no *subcorpus* oral do CRPC permitiu encontrar 21 ocorrencias do marcador. Trátase, pois, de un marcador usado na oralidade espontánea, embora de baixa frecuencia, sobretudo tendo en conta o número total de palabras existente neste *corpus* - 106488 palabras. Por outro lado, é interesante assinalar que grande parte destas ocorrencias provén de falantes con un grao de instrución máis elevado.

A pesquisa empírica permitiu aínda asociar o MD *por outras palabras* a una outra relación discursiva, a relación de Síntese, algo que non tiña sido contemplado á partida. Así, podemos afirmar que *por outras palabras* integra dous paradigmas no PEC, o paradigma dos MDs reformuladores (parafrásticos) e o paradigma dos MDs de síntese.

A distinción das dúas relacións discursivas pode ser problematizada, já que una síntese é sempre una reformulación condensada do que foi dito previamente. No entanto, para além dos valores procedimentais distintos já referidos, reforçamos a idea de que os MDs reformuladores están tipicamente ao servizo da intercomprensión, enquanto os MDs de síntese operan no plano da estruturación textual.

No caso de *digamos*, os datos analisados evidenciaron a polifuncionalidade do MD e validaron, embora apenas parcialmente, a primeira hipótese de partida, máis concretamente a que permitía integrá-lo no paradigma nos marcadores discursivos de reformulación; con efecto, *digamos* pode ser usado con esa función, mas é pertinente assinalar que esse uso é quantitativamente escasso quando comparado con outros usos.¹¹ Desta feita, as relacións discursivas a que o MD surge tipicamente asociado são a de elaboración (Elaboration, na terminología da RST), para o caso do valor exemplificativo, e a de reformulación (Restatement, na terminología da RST), para o valor de retificador. As restantes três funcións que ele pode desempeñar (marcador de formulación, atenuador e aproximativo) são funcións de natureza pragmática que non envolveron a marcação de una relación discursiva.

11 É importante assinalar, contudo, que a análise de outros contextos e de diferentes géneros textuais pode permitir repensar estas funcións e a respetiva frecuencia.

Referências bibliográficas

- Andersen, G. (2000): “The role of the pragmatic marker *like* in utterance interpretation”, en Andersen, G. & Fretheim, T. (eds.). *Pragmatic Markers and Propositional Attitude*, 17-38 (Amsterdam: John Benjamins).
- Auer, P. (1996): “The pre-front field in spoken German and its relevance as a grammaticalization position”, en *Pragmatics*, 6 (3), 295–322.
- Bach, C. (1996): “Reformular: ?una operación argumentativa aséptica? Estudio del conector de reformulación parafrástica *es a dir*”, en *Sendebarr*, 7, 255-271.
- Briz, A. & Albelda, M. (2013): “Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR.ATENUACIÓN)”, en *Onomázein*, 28, 288-319.
- Cuenca, M.-J. (2003): “Two ways to reformulate: a contrastive analysis of reformulation markers”, en *Journal of Pragmatics*, 35, 1069-1093.
- Fløttum, K. (1994) : « A propos de *c'est-à-dire* et ses correspondants norvégiens », en *Cahiers de linguistique française*, 15, 109-130.
- Fonseca, J. (1992): “As articulações discurso-metadiscurso e as suas explorações na didáctica do português como língua estrangeira”, en Fonseca, J. *Linguística e Texto/ Discurso: teoria, descrição, aplicação* (Lisboa: ICALP).
- Gülich, E. & Kotschi, T. (1983): « Les marqueurs de la reformulation paraphrastique. Connecteurs pragmatiques et structure du discours », en *Cahiers de linguistique française*, 5, 305-351.
- Halliday, M. (1973): *Explorations in the Functions of Language* (London: Arnold).
- Koops, C. & Lohmann, A. (2015): “A quantitative approach to the grammaticalization of discourse markers. Evidence from their sequencing behavior”, en *International Journal of Corpus Linguistics* 20, 2, 232–259.
- Lopes, A, C. M. (2014): “Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos *quer dizer; ou seja e isto é* no português europeu contemporâneo”, en *Diacrítica*, 28 (1), 33-50.
- Mann W. & Thompson, S. (1988): “Rhetorical Structure Theory: Toward a Functional Theory of Text Organization”, en *Text*, 8 (3), 243–81.
- Nascimento, M. F. B. (2013): “Processos de lexicalização”, en Raposo, E. P. *et alii* (orgs.). *Gramática do Português*, 215-246 (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian)
- Rossari, C. (1994): *Les opérations de reformulation* (Berne: Peter Lang).
- Roulet, E. (1987) : « Complétude interactive et connecteurs reformulatifs », en *Cahiers de Linguistique Française*, 8, 11-140.

- Sweetser, E. (1990): *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure* (Cambridge: Cambridge University Press).
- Taboada, M. & Mann, W. (2006): “Rhetorical Structure Theory: Looking Back and Moving Ahead”, en *Discourse Studies*, 8 (3), 423–59.
- Van Dijk, T. A. (1977). *Text and Context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse* (London: Longman).

